

A PRÓXIMA GERAÇÃO DE GOVERNOS

Um guia para transformar tecnologia, dados e inteligência artificial em capacidade de governo e desenvolvimento

“O futuro dos governos não será definido pela tecnologia que adotam, mas pela capacidade de transformar complexidade em impacto real.”



MURILO SODRÉ

Estrategista de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Territorial

Tecnologia com propósito. Inovação com execução. Desenvolvimento com impacto.

A Próxima Geração de Governos

Um guia para transformar tecnologia, dados e inteligência artificial em capacidade de governo e desenvolvimento

Murilo Sodré

Estrategista de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Territorial

© 2026 Murilo Sodré. Todos os direitos reservados.

É permitida a citação de trechos curtos com indicação de autoria. Reprodução integral, alteração ou comercialização dependem de autorização do autor.

Este material tem caráter educacional e estratégico. Recomendações sobre tecnologia, dados, inteligência artificial, contratações e governança devem ser adaptadas à realidade de cada órgão e avaliadas pelas áreas técnicas, jurídicas, de segurança e de proteção de dados competentes.

Contato: falecom@murilosodre.com.br | murilosodre.com.br

Antes de começar

Uma leitura para quem quer usar tecnologia como meio, e não como vitrine.

Este guia foi escrito para lideranças públicas que já perceberam que transformação governamental não se mede pela quantidade de ferramentas adquiridas. Ela aparece quando o governo compreende melhor seus problemas, simplifica jornadas, usa dados com inteligência, toma decisões melhores e consegue sustentar resultados.

Não existe uma receita universal. Municípios, estados e órgãos públicos têm tamanhos, restrições, riscos e graus de maturidade diferentes. Minha proposta é oferecer princípios, perguntas e instrumentos práticos que ajudem a liderança a organizar a conversa e começar com mais clareza.

PERGUNTA-GUIA Qual problema público queremos resolver melhor?

Ao final, você encontrará um diagnóstico de maturidade e um plano de 90 dias. Use-os para colocar liderança, tecnologia, áreas responsáveis pelos serviços, planejamento, jurídico, controle e parceiros na mesma conversa.

Carta de abertura

Por Murilo Sodré

Durante muitos anos, falar de tecnologia no setor público significava falar de sistemas, computadores, redes e infraestrutura. Tudo isso continua essencial. Só que, diante dos desafios atuais das cidades, essa conversa já não é suficiente.

Depois de mais de duas décadas trabalhando com tecnologia e gestão pública, uma convicção ficou cada vez mais clara para mim: o valor da tecnologia aparece quando ela aumenta a capacidade do governo de compreender problemas, decidir com qualidade, executar com agilidade e gerar desenvolvimento.

Foi dessa experiência, somada ao estudo de políticas públicas, inovação e cidades, que nasceu este livro. Ele organiza uma tese simples: governos melhores não são necessariamente os que compram mais tecnologia. São os que combinam estratégia, dados, tecnologia, pessoas e colaboração em torno de problemas que realmente importam.

TESE A próxima geração de governos não é a que tem mais tecnologia. É a que tem mais capacidade de resolver problemas.

Meu objetivo é que você termine a leitura com perguntas melhores e com um caminho possível para começar. Se isso acontecer, o material já terá cumprido seu papel.

Murilo Sodré

Estrategista de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Territorial

Sumário

Navegação

- 01 Digitalizar não é transformar
- 02 Governos têm dados. Mas têm inteligência?
- 03 IA não é estratégia
- 04 O governo não precisa inovar sozinho
- 05 Quando tecnologia encontra desenvolvimento
- 06 Os cinco pilares da próxima geração
- 07 Método IMPACTO
- 08 Diagnóstico de maturidade
- 09 Plano de 90 dias

Conclusão

Referências e leituras recomendadas

Sobre o autor

Digitalizar não é transformar

A diferença aparece quando o governo deixa de apenas trocar o papel pela tela e passa a redesenhar a jornada.

É possível modernizar a aparência de um processo sem mudar sua lógica. Um formulário de papel convertido em formulário eletrônico pode continuar pedindo informações desnecessárias, repetindo aprovações e fazendo a demanda circular por vários setores. O cidadão deixa de carregar papel, mas a burocracia continua ali, agora em formato digital.

Transformação começa antes da escolha do software. O ponto de partida é olhar a jornada de ponta a ponta e perguntar por que cada etapa existe, que risco ela controla, quem realmente precisa participar, quais dados o próprio governo já possui e o que pode ser simplificado, integrado ou eliminado.

Ao longo da minha trajetória em diferentes administrações municipais, vi que esse tipo de pergunta costuma gerar mais valor do que a simples substituição de uma ferramenta por outra. Quando o processo melhora primeiro, a tecnologia passa a acelerar algo que já faz sentido.

ALERTA Automatizar um processo ruim pode significar apenas produzir ineficiência mais rápido.

1

Informatizar

Substituir atividades manuais por ferramentas digitais, preservando a lógica existente.

2

Digitalizar a jornada

Integrar canais, eliminar etapas, reutilizar dados e reduzir atritos para cidadão e servidor.

3

Transformar a capacidade

Redesenhar processo, governança e decisão para alcançar um novo nível de desempenho e valor público.

- Escolha uma dor concreta e frequente, não um projeto abstrato.
- Mapeie etapas, esperas, retrabalhos e pontos de decisão.
- Elimine exigências sem fundamento legal ou utilidade operacional.
- Reutilize dados que o governo já possui, respeitando finalidade, segurança e privacidade.
- Defina indicadores antes da mudança: tempo, esforço, adoção, qualidade, satisfação e impacto.

Comece pela jornada, não pelo sistema

A experiência do cidadão quase nunca respeita o organograma. Uma solicitação simples pode atravessar várias unidades administrativas enquanto, para quem está do lado de fora, existe apenas um problema a resolver. Por isso, a transformação precisa enxergar a jornada completa.

Uma boa transformação é percebida menos pela quantidade de tecnologia visível e mais pela redução de esforço para quem usa e para quem opera o serviço.

Governos têm dados. Mas têm inteligência?

O desafio raramente é produzir mais informação. É conectar registros dispersos à rotina de decisão.

Prefeituras produzem dados em praticamente tudo o que fazem: saúde, educação, mobilidade, tributos, assistência social, fiscalização, segurança, meio ambiente, obras e atendimento. O problema, na maioria das vezes, não é falta de informação. É fragmentação.

Bases que não conversam, cadastros inconsistentes, planilhas paralelas, conceitos diferentes para a mesma coisa e indicadores sem responsável tornam o governo rico em registros e pobre em inteligência sobre o território.

Ter um painel também não resolve isso sozinho. O valor aparece quando a informação passa a orientar prioridades, orçamento, fiscalização, desenho de serviços e acompanhamento de políticas públicas.

DADOS O valor do dado começa quando ele muda uma decisão.

1

Governança

Defina responsáveis, qualidade, acesso, segurança, compartilhamento e ciclo de vida dos dados.

2

Integração

Crie meios padronizados para que sistemas troquem informações com rastreabilidade e segurança.

3

Território

Associe dados a lugares, públicos e jornadas para revelar padrões que tabelas isoladas escondem.

4

Indicadores

Use poucas métricas relevantes, com definição clara, fonte, periodicidade e responsável.

5

Decisão

Leve os indicadores para as reuniões e decisões reais de gestão. Dado que não entra na decisão vira arquivo.

Do relatório ao sistema de decisão

Um relatório mostra o que aconteceu. Um sistema de decisão ajuda a entender por que aconteceu, onde o problema se concentra, quem foi afetado e qual ação merece prioridade. Essa evolução pode ser entendida em quatro estágios.

Estágio	Pergunta	Exemplo de uso
Descritivo	O que aconteceu?	Volume, localização, tempo e perfil das ocorrências.
Diagnóstico	Por que aconteceu?	Causas prováveis, gargalos, correlações e padrões.
Preditivo	O que tende a acontecer?	Sinais de aumento de demanda, risco ou saturação.
Prescritivo	O que devemos fazer?	Priorização de recursos e comparação entre alternativas de ação.

Nem toda política precisa chegar ao estágio prescritivo. Mas toda liderança deveria saber em qual estágio está operando e que evidência sustenta sua decisão.

IA não é estratégia

A pergunta útil não é "onde podemos colocar IA?", mas "qual problema público podemos resolver melhor com ela?".

A inteligência artificial amplia a capacidade de analisar informação, automatizar tarefas e interagir com pessoas em escala. Há oportunidades reais no atendimento ao cidadão, na leitura de documentos, na fiscalização, na previsão de demanda, na organização de grandes bases e no apoio ao trabalho técnico.

O risco aparece quando a ferramenta vira ponto de partida. Toda onda tecnológica traz esse impulso: primeiro escolhemos a solução e depois procuramos um problema que justifique sua adoção. Em governo, essa ordem precisa ser invertida.

Eu prefiro uma sequência mais exigente: problema, processo, dados, risco, governança e, só então, tecnologia. Às vezes a resposta será IA. Em outros casos, uma integração simples, uma regra administrativa ou um redesenho de fluxo produzirá mais resultado com menos custo e risco.

PRINCÍPIO IA é uma ferramenta extraordinária dentro de uma estratégia. Não substitui diagnóstico, governança nem responsabilidade.

Onde a IA pode gerar valor

- Atendimento e triagem de demandas, com encaminhamento mais rápido e linguagem acessível.
- Leitura, classificação e organização de documentos, contratos, processos e grandes volumes de texto.
- Apoio à análise de padrões, exceções, inconsistências e sinais de risco.
- Previsão de demanda e simulação de cenários para apoiar planejamento.
- Assistência à elaboração de conteúdo técnico, sempre com revisão e responsabilidade humana.
- Automação de tarefas repetitivas que consomem tempo sem exigir julgamento complexo.

Um filtro antes de qualquer projeto de IA

1	Problema Existe uma dor pública relevante e mensurável?	2	Dados Há dados suficientes, confiáveis e legitimamente utilizáveis?
3	Risco O erro pode causar dano relevante a pessoas, direitos ou recursos públicos?	4	Processo A jornada está bem definida ou a IA apenas automatizará desorganização?
5	Humano Quem revisa, contesta, corrige e assume responsabilidade?	6	Resultado Como saberemos se a solução realmente melhorou o serviço?

Quanto mais poderosa a tecnologia, mais madura precisa ser a governança. Privacidade, segurança, transparência, supervisão humana, registro de decisões e gestão de fornecedores precisam nascer junto com o projeto, não depois dele.

O governo não precisa inovar sozinho

Colaborar amplia capacidade. O cuidado é preservar a inteligência institucional necessária para formular, decidir e fiscalizar.

Nenhuma prefeitura, secretaria ou órgão público concentra internamente todo o conhecimento necessário para enfrentar problemas complexos. Universidades pesquisam, startups experimentam, empresas escalam, organizações sociais conhecem realidades específicas e a sociedade traz a experiência de quem usa o serviço.

A competência pública que ganha importância é a capacidade de articular esse ecossistema sem abrir mão da responsabilidade do Estado. O governo pode buscar conhecimento fora e contratar execução especializada, mas precisa continuar sabendo formular o problema, proteger dados, avaliar alternativas, contratar bem, fiscalizar e decidir.

Cinco atores, papéis diferentes

- Governo: Define problemas públicos, coordena políticas, assegura legitimidade e protege o interesse coletivo.
- Universidades: Produzem pesquisa, método, avaliação, formação e investigação independente.
- Startups e GovTechs: Experimentam modelos e tecnologias com velocidade e especialização.
- Empresas: Aportam escala, infraestrutura, experiência operacional e capacidade de investimento.
- Sociedade: Traz experiência real de uso, diversidade de perspectivas, legitimidade e controle social.

Instrumentos para inovar com o ecossistema

- Laboratórios de inovação para testar métodos, jornadas e serviços.
- Desafios públicos que descrevem o problema antes de prescrever a solução.
- Compras públicas de inovação quando o objeto exige pesquisa, desenvolvimento ou experimentação.
- Ambientes regulatórios experimentais para testar soluções com regras, limites e supervisão definidos.
- Dados abertos e APIs que permitam novos serviços e análises, respeitadas as restrições legais.
- Parcerias com universidades para pesquisa aplicada, avaliação e desenvolvimento de capacidades.

ECOSSISTEMA Você pode contratar tecnologia. O que não pode terceirizar é a inteligência necessária para governá-la.

O governo do futuro também será um orquestrador de capacidades: menos preocupado em fazer tudo sozinho e mais preparado para conectar competências em torno de problemas públicos bem formulados.

Quando tecnologia encontra desenvolvimento

A agenda digital ganha outra escala quando melhora não apenas a prefeitura, mas também o ambiente em que pessoas e empresas vivem, trabalham e investem.

Tecnologia pública ainda é tratada, com frequência, como assunto interno da administração. Essa visão deixa de fora uma parte importante do impacto possível. Uma cidade que reduz burocracia, integra dados, melhora serviços e cria condições para experimentação responsável também melhora sua competitividade.

O resultado aparece no tempo necessário para abrir ou regularizar uma atividade, na previsibilidade de decisões, na qualidade da informação territorial, na atração de talentos, na facilidade de testar soluções e na experiência cotidiana de quem vive, empreende e investe.

1

Menos atrito

Serviços simples reduzem tempo e custo de transação para cidadãos e empresas.

2

Melhores decisões

Dados e indicadores ajudam a direcionar recursos para onde geram mais valor público.

3

Ambiente para inovação

Regras claras e experimentação responsável atraem soluções e parceiros.

4

Ecossistema forte

Conexões entre governo, universidades e empresas aumentam aprendizagem e capacidade local.

5

Território competitivo

Serviços, governança e inovação passam a compor a proposta de valor da cidade.

DESENVOLVIMENTO Tecnologia pública gera seu maior valor quando deixa de ser percebida apenas como despesa de TI e passa a ser tratada como infraestrutura de desenvolvimento.

Quando tecnologia reduz atrito entre cidadão, empresa e governo, ela deixa de ser apenas modernização administrativa e começa a produzir desenvolvimento.

Os cinco pilares da próxima geração

Não existe transformação consistente com um único ingrediente. A força está na combinação.

Esses pilares não formam uma sequência rígida. Eles funcionam como perguntas permanentes para a liderança: estamos resolvendo um problema relevante? Temos informação confiável? A tecnologia escolhida faz sentido? As pessoas estão preparadas? Quem mais precisa participar?

1

ESTRATÉGIA

Define problemas, prioridades, objetivos e critérios de sucesso.

2

DADOS

Ajudam a compreender o território, medir resultados e antecipar riscos.

3

TECNOLOGIA

Viabiliza integração, escala, automação, segurança e novos serviços.

4

PESSOAS

Transformam intenção em execução, aprendizagem, liderança e cultura.

5

COLABORAÇÃO

Expande capacidade ao conectar governo a diferentes competências do ecossistema.

SÍNTESE Tecnologia sem estratégia produz projetos isolados. Dados sem governança produzem desconfiança. Inovação sem execução vira apresentação. Transformação sem pessoas não se sustenta.

Método IMPACTO

Sete movimentos para manter a transformação orientada ao problema, à aprendizagem e ao valor público.

Organizei o Método IMPACTO como uma estrutura de trabalho para iniciativas de transformação governamental. Ele não substitui gestão de projetos, contratação, design de serviços ou métodos ágeis. Sua função é manter a equipe orientada ao problema e ao resultado durante toda a jornada.

I**Identificar problemas reais**

Descreva a dor em linguagem de resultado, não em linguagem de ferramenta.

M**Mapear dados e capacidades**

Entenda processos, pessoas, sistemas, dados, restrições e ativos que já existem.

P**Priorizar impacto**

Escolha onde agir primeiro com base em relevância, urgência, viabilidade, risco e aprendizagem.

A**Articular ecossistemas**

Conecte áreas internas, usuários, parceiros, universidades, empresas e especialistas quando necessário.

C**Construir e testar**

Entregue versões pequenas, seguras e mensuráveis antes de escalar.

T**Transformar em escala**

Integre governança, processos, orçamento, infraestrutura, contratação e gestão da mudança.

O**Observar resultados**

Meça adoção, eficiência, qualidade, segurança e impacto. Aprenda, corrija e sustente.

I + M | Entender antes de agir

Um problema bem formulado descreve uma condição indesejada, quem é afetado e qual efeito pode ser observado. “Precisamos de um aplicativo” é uma solução antecipada. “Cidadãos precisam acessar cinco canais para resolver uma solicitação simples e aguardam vários dias por resposta” é um problema que pode ser investigado.

Mapear capacidades evita o hábito de começar do zero. Antes de comprar ou desenvolver algo novo, descubra o que já pode ser reutilizado, integrado, simplificado ou fortalecido.

Perguntas para o mapeamento

- Quais etapas compõem a jornada atual?
- Quem detém conhecimento crítico sobre o processo?
- Que dados existem, onde estão e qual sua qualidade?
- Que sistemas, contratos e integrações já podem ser aproveitados?
- Quais restrições jurídicas, orçamentárias, de segurança e de capacidade precisam ser consideradas?

P + A | Escolher e mobilizar

Governos têm mais problemas do que capacidade simultânea de execução. Priorizar é uma decisão estratégica. Uma matriz simples ajuda a comparar problemas sem transformar o planejamento em uma lista de desejos.

Depois de escolher o problema, mapeie quem precisa estar na mesa. Projetos costumam falhar menos por falta de tecnologia e mais por desalinhamento entre quem decide, quem opera, quem usa, quem controla e quem possui conhecimento especializado.

Critério	Pergunta	Peso sugerido
Impacto	Quanto melhora a vida do usuário ou o desempenho público?	30%
Urgência	Qual é o custo de não agir agora?	25%
Viabilidade	Temos capacidade, dados e meios para avançar?	20%
Risco	Quais danos podem ocorrer se errarmos?	15%
Aprendizagem e replicabilidade	O que podemos aprender e reaplicar em outras jornadas?	10%

C + T + O | Entregar, escalar e aprender

Uma boa primeira entrega não tenta resolver tudo. Ela reduz incerteza, produz evidência e permite aprender sem comprometer grandes recursos.

Escalar exige mais do que replicar tecnologia. É preciso incorporar a solução à rotina, garantir orçamento e suporte, definir responsabilidades, treinar equipes, documentar decisões e reduzir dependências que enfraqueçam a autonomia institucional.

Não encerre o projeto no lançamento. Acompanhe adoção, eficiência, satisfação, segurança, impacto e efeitos inesperados. Transformação é a capacidade de sustentar uma nova forma de produzir valor público, não a cerimônia de entrega.

Diagnóstico de maturidade

Uma fotografia rápida para orientar a conversa e escolher o próximo passo.

Avalie cada afirmação de 0 a 3: 0 = inexistente; 1 = inicial; 2 = parcialmente estruturado; 3 = consistente e institucionalizado. Registre uma evidência sempre que possível. A pontuação é um ponto de partida para diálogo, não um selo.

Dimensão	Afirmação	Nota 0-3	Evidência
Estratégia	Problemas prioritários estão definidos em termos de resultados, não apenas de projetos.		
Estratégia	Iniciativas digitais têm patrocinador, metas e critérios de sucesso.		
Dados	Há responsáveis claros por qualidade, acesso e uso dos principais dados.		
Dados	Sistemas e áreas conseguem compartilhar informações com padrões e segurança.		
Dados	Indicadores são usados em decisões reais, não apenas em relatórios.		
Tecnologia	Arquitetura e integrações reduzem duplicidade e dependência desnecessária.		
Tecnologia	Segurança, continuidade e privacidade fazem parte do desenho das soluções.		
IA	Casos de uso são avaliados por problema, risco, dados, finalidade e supervisão humana.		
Pessoas	Equipes têm autonomia compatível com responsabilidade e capacidade técnica.		
Pessoas	A organização investe em aprendizagem, métodos e gestão da mudança.		

Dimensão	Afirmação	Nota 0-3	Evidência
Colaboração	Áreas responsáveis pelos serviços e tecnologia trabalham juntas desde o início.		
Colaboração	O governo mantém canais estruturados de interação com universidades, empresas e sociedade.		
Execução	Projetos são testados em pequena escala antes da expansão quando o risco recomenda experimentação.		
Execução	Resultados continuam sendo acompanhados depois do lançamento.		
Impacto	Há conexão explícita entre transformação digital e objetivos de desenvolvimento do território.		

Interpretação

0-15

Reativo

Tecnologia responde a demandas isoladas; faltam estratégia, integração e governança.

16-28

Em estruturação

Há iniciativas relevantes, mas a capacidade ainda depende muito de pessoas ou projetos específicos.

29-38

Integrado

Estratégia, dados, tecnologia e equipes já trabalham com coordenação e método.

39-45

Transformador

Capacidades digitais fazem parte de forma consistente da gestão, da inovação e da geração de impacto.

Plano de 90 dias

Comece pequeno, meça cedo e use o resultado para criar confiança.

O objetivo dos primeiros 90 dias não é transformar o governo inteiro. É demonstrar uma forma melhor de escolher problemas, mobilizar capacidades, testar soluções e medir resultados.

DIAS 1-30 Escolher e compreender

- Selecione um problema relevante, frequente e mensurável.
- Mapeie jornada, usuários, dados, sistemas, contratos e restrições.
- Defina patrocinador, equipe mínima e indicadores de linha de base.
- Converse com quem opera o processo e com quem utiliza o serviço.

DIAS 31-60 Desenhar e testar

- Formule hipóteses de melhoria e escolha a menor entrega capaz de testá-las.
- Avalie risco, segurança, privacidade, acessibilidade e governança.
- Construa protótipo, piloto ou nova rotina com escopo controlado.
- Meça adesão, tempo, esforço, erros e feedback.

DIAS 61-90 Consolidar e decidir

- Compare os resultados com a linha de base.
- Documente aprendizados e ajustes necessários.
- Decida se deve escalar, reformular ou interromper.
- Apresente resultados de forma transparente e escolha o próximo problema.

O que medir desde o início

1	Adoção Quantas pessoas realmente utilizam a nova jornada ou solução?	2	Tempo Quanto tempo leva para usuário e administração concluírem o processo?
3	Esforço Quantas etapas, contatos, documentos ou retrabalhos foram eliminados?	4	Qualidade Erros, devoluções, incidentes e correções diminuíram?
5	Satisfação Usuários e equipes percebem melhora na experiência?	6	Impacto O problema público que motivou a iniciativa está efetivamente melhorando?

A próxima geração já começou

Conclusão

Ferramentas mudam rápido. A capacidade institucional de compreender problemas, trabalhar com dados, experimentar, colaborar, executar e aprender é o que permanece.

Por isso, a agenda digital não pode ficar restrita à TI. Ela precisa conversar com políticas públicas, desenvolvimento econômico, planejamento urbano, segurança, saúde, educação, gestão de pessoas, controle e relacionamento com o cidadão.

Governos mais tecnológicos não são automaticamente governos melhores. O salto acontece quando tecnologia e inovação são usadas com propósito, governança e capacidade de execução.

PERGUNTA FINAL Que capacidade de governo queremos construir para o próximo ciclo de desenvolvimento?

Tecnologia com propósito. Inovação com execução. Desenvolvimento com impacto.

Referências e leituras recomendadas

Fontes oficiais para aprofundar os temas de governo digital, dados, inovação e IA.

Lei nº 14.129/2021

Princípios, regras e instrumentos para Governo Digital e aumento da eficiência pública.

[Acessar fonte oficial](#)

Lei nº 13.709/2018 - LGPD

Proteção de dados pessoais e fundamentos para tratamento responsável de dados no setor público e privado.

[Acessar fonte oficial](#)

Lei Complementar nº 182/2021

Marco Legal das Startups e do Empreendedorismo Inovador, incluindo instrumentos de contratação e ambiente regulatório experimental.

[Acessar fonte oficial](#)

Plano Brasileiro de Inteligência Artificial 2024-2028

Diretrizes nacionais para infraestrutura, capacitação, serviços públicos, inovação empresarial e governança de IA.

[Acessar fonte oficial](#)

Sobre o autor

Murilo Sodré



Murilo Sodré

Estrategista de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Territorial

Estrategista de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Territorial, com mais de 20 anos de experiência em tecnologia e gestão pública. Atuou como CIO nas prefeituras de Itajaí, Joinville e Balneário Camboriú, liderando iniciativas de transformação digital, dados, GovTech, inovação e modernização de serviços públicos.

É bacharel em Ciência da Computação pela UNIVALI, possui MBA em Gestão Estratégica de TI pela FGV e é mestre em Gestão de Políticas Públicas pela UNIVALI. Também se especializou em Ecossistemas de Inovação, em formação realizada pela UNIVALI em parceria com a La Salle Barcelona, e participou do programa City Leaders da University College London, em Londres.

Seu trabalho conecta tecnologia, gestão pública, inovação e desenvolvimento territorial a partir de uma premissa simples: tecnologia é meio. O objetivo é construir governos mais capazes, serviços melhores e territórios mais preparados para o futuro.

SEU GOVERNO ESTÁ APENAS DIGITALIZANDO OU REALMENTE SE TRANSFORMANDO?

Use o diagnóstico deste guia como ponto de partida e identifique onde estratégia, dados, tecnologia, IA e inovação podem gerar mais impacto.



Conversa estratégica e conteúdos:

www.murilosodre.com.br | falecom@murilosodre.com.br

Tecnologia com propósito. Inovação com execução. Desenvolvimento com impacto.